

PARA SEPARAR O VERDADEIRO DO FALSO

Condensado de um discurso

CHARLES MALIK

HÁ verdade e falsidade; há bem e mal, felicidade e sofrimento, e expansividade e retraimento, liberdade e escravidão.

Há o que enobrece e o que avilta, o que conduz à força e à saúde e o que leva à fraqueza e à doença. Há um clima de confiança, fé e paz, e momentos em que o espírito de contradição e conflito nos atinge em pleno rosto. Há coisas que nos harmonizam conosco, com os outros, com o universo e com Deus, e coisas que nos alienam de nós próprios, do mundo e de Deus. Há o que nos inspira certeza e confiança e o que deixa insinuar-se na nossa alma dúvida e incerteza. Há o que nos faz decididos e o que nos torna hesitantes e ambíguos. Há o que abre todos os poros da

nossa existência aos murmúrios de ser e o que nos leva a fechar-nos como uma concha. Há momentos em que vemos Deus no rosto de cada homem por quem cruzamos e existem outros momentos em que passamos pelos homens sem absolutamente notá-los.

Há ocasiões em que desejamos dançar e cantar e outras em que não queremos mover-nos nem olhar seja o que for. Há momentos em que amamos crianças e mulheres velhas, as flores, as nuvens empurradas pela brisa, as ondas altas, e até as rochas e as pedras, e momentos em que odiamos tudo e todos — e sobretudo a nós mesmos. Há o domínio verdadeiro, arrebatado, sobre todos os impulsos do nosso ser, como há uma moleza horrível, em que tudo nos arrasta e leva. Há vida e plenitude de existência e existe o tender sutil, gradual, para o nada e para a morte.

Estas coisas são diferentes, independentes e absolutamente distin-

Charles Malik, filósofo, educador e diplomata libanês, foi presidente da Assembleia Geral da ONU de 1958 a 1959. Este discurso comovedor, proferido em 1971, é inspirado no Eclesiastes.

guíveis umas das outras. A verdade não é o mesmo que a falsidade, e felicidade não é o mesmo que o sofrimento. Não nos enganaremos muito se dissermos que os primeiros elementos destes 17 pares provêm todos eles do Deus vivo enquanto os segundos provêm todos do Demônio.

O maior erro dos tempos modernos é a confusão entre estas duas ordens de coisas. Nada é firme em si mesmo — eis a grande heresia do mundo moderno. Mas não existe na Terra nem no Céu força que possa transformar o falso em verdadeiro, o mal em bem, o sofrimento em felicidade, a escravidão em liberdade. E, todavia, que nos dizem os filósofos nos grandes centros de saber? Teimam que tudo depende das nossas intenções, de como definirmos as coisas, para que o verdadeiro, convenientemente definido, possa ser falso. Para eles, limita-se tudo a uma questão de definição. No entanto, é o próprio Demônio quando nos são negadas a firmeza e a certeza de existir, quando tudo se torna dependente de nós, pois então a mente torna-se tão embotada, tão confusa, que não consegue perceber a distinção real existente entre as coisas.

Como nos tornamos verdadeiros e bons, felizes e sinceros, alegres e livres? Não é, nunca, por magia, ou por acaso, ou por cruzarmos os braços e esperarmos, mas somente lidando com seres humanos verdadeiros, bons, felizes e sinceros, procurando a companhia dos fortes e

dos livres, captando a espontaneidade e a liberdade daqueles que são espontâneos e livres.

Atingiremos assim uma agudeza de percepção que nos permitirá distinguir, sem errar, entre o verdadeiro e o mentiroso, entre o belo e o feio, entre o nobre e o vil. Alcançaremos, também, a capacidade de corar, a capacidade de chorar e verter lágrimas, a capacidade de arrependimento, a capacidade de cair de joelhos e orar, a capacidade de nos tornarmos uma verdadeira pessoa humana moral.

Se lermos a Bíblia — tanto o Antigo quanto o Novo Testamento, especialmente os Salmos e os Evangelhos — reverente e devotamente, todos os dias; se lermos os mais profundos e puros santos e homens de Deus; se servirmos fielmente a Igreja e participarmos na plenitude da sua vida apesar das suas inúmeras fraquezas, imperfeições e atribulações; se praticarmos a grande arte da disciplina mental e moral, e se procurarmos, com amor, esperança e abnegação, a companhia daqueles que fazem tudo isto, garantam-vos duas coisas: primeiro, que experimentaremos na nossa própria vida e ser um sabor do que é belo, forte, certo e livre; e, segundo, que alcançaremos um tal apuro de visão que saberemos distinguir o verdadeiro do falso, sempre que encontrarmos um ou outro no nosso caminho. E tanto o nosso ser como a nossa visão nos proporcionarão algum conhecimento de Deus.